

Créditos no 2º grau atraem jovens

Alaor Filho

Embora questionado pelos educadores, por "facilitar a deterioração do ensino", o sistema de créditos no segundo grau tem recebido as boas vindas de centenas de adolescentes da rede particular. As poucas escolas que resolveram pôr em prática um trecho da Lei 5.692 de 1971, que possibilita a conclusão do segundo grau em no mínimo dois e no máximo cinco anos, em períodos, acertaram em cheio. Elas estão atendendo a uma grande demanda de jovens que se atrasaram nos estudos, mas não querem adiar muito a hora de receber o diploma.

O motivos para a repetência e o conseqüente atraso têm até um certo charme: são alunos que perderam um ano por estarem morando no exterior pelo sistema de intercâmbio cultural; são surfistas que viajam muito para participar de campeonatos; e atores que precisam estar disponíveis a qualquer hora para ensaios e gravações na televisão.

"Estamos dando uma chance aos alunos que sempre foram discriminados pelas escolas, chamados de *burros* ou *vagabundos*", diz George Cardoso da Silva, diretor do Centro Educacional da Lagoa (CEL), que funciona há quatro anos com o sistema de créditos, em três turnos. "Se a lei permite, por que não oferecer essa alternativa?", questiona.

Maturidade — A flexibilidade do sistema de créditos permite ao aluno abreviar ou prolongar, de acordo com o tempo que tem disponível, a conclusão do segundo grau e, assim, não abandonar os estudos. Eles escolhem quantas disciplinas querem cursar e as aulas são todas transcritas em apostilas que, segundo os professores, ajudam a estudar em casa, se perderem algumas aulas. É possível ficar reprovado numa disciplina e cursá-la no período seguinte, junto com as novas. O próprio aluno avalia em que disciplinas tem mais dificuldades e busca reforço assistindo as aulas em outros turnos. O currículo é o mesmo do segundo grau seriado, com as disciplinas redistribuídas para concentrar em dois anos o que é dado em três.

"Geralmente, alertamos para que aqueles que estão com a escolaridade regularizada cursem o segundo grau seriado, em três anos. Um jovem de 14 anos não tem tanta maturidade para enfrentar o sistema de créditos", analisa o professor George.

Para o professor Divonzir Gusso, técnico do Instituto de Planejamento Econômico e Análises (Ipea) e um dos coordenadores do Encontro Nacional de Ensino Médio do MEC, no fim do ano passado, o sistema de créditos pode afe-



Mônica quer se livrar da escola e cursar faculdade

tar ainda mais a qualidade do ensino, no país, onde a educação é precária. "Esse sistema não é mal em si, mas dada à cultura de falsidade geral que temos na educação brasileira, torna-se um facilitário na obtenção do diploma", analisa. "Essa solução falseia a questão complicada que é o jovem no segundo grau", acredita.

Vestibulares — Pelo depoimento de alguns alunos, a crítica é pertinente. "Repeti uma série e já estava começando a baixar as notas novamente. Para salvar o ano fui para o sistema de créditos, cursei as disciplinas em que estava reprovada e ainda consegui me adiantar em um semestre, fazendo um número maior de matérias. Quero fazer logo o vestib-

lar e me livrar do colégio", conta Mônica Adriano Souza, 17 anos, aluna do CEL e que quer cursar Direito, em 1993. "Parece que eles dão pouca matéria, mas, na verdade, dão objetivamente o que vai cair no vestibular", diz.

Entre os objetivos de se encurtar o caminho que leva ao diploma está a universidade. Segundo os diretores das escolas, a maioria dos alunos quer ir para o ensino superior. No Colégio Peixoto, na Gávea, que também oferece o segundo grau nesse sistema, o caminho quase natural é a Pontifícia Universidade Católica (PUC), no mesmo bairro. "As provas que aplicamos nos alunos são réplicas dos concursos de vestibular anteriores da PUC", diz a coordenadora Maria Luísa Peixoto Borges. "A maioria é aprovada", afirma.

Mensalidades — No Colégio Peixoto e no CEL as mensalidades giram em torno de Cr\$ 20 mil. No Pinheiro Guimarães, onde apenas 300 dos 2.500 alunos de segundo grau estão fora do sistema de crédito, o preço é bem menor — entre Cr\$ 5 mil e 7 mil —, atraindo uma outra clientela, principalmente no turno da noite. São bancários e comerciantes que pretendem regularizar os estudos em busca de aumento de salário. No turno da manhã, mantêm-se os adolescentes.

"É injusto que o sistema seriado nos obrigue a repetir um ano inteiro só porque fomos reprovados numa única disciplina", diz Paulo Gouveira Vieira, 22 anos, que concluiu há três o segundo grau em créditos, no Pinheiro Guimarães. "No sistema de crédito tudo depende mais de nós. Se quisermos, conseguimos passar no vestibular", conta ele, que cursa Direito na Faculdade Cândido Mendes.

Para o ator Pedro Vasconcelos, 17 anos, no segundo período do CEL, o sistema caiu como uma luva. "Na minha profissão, a gente tem que estar disponível a qualquer momento", explica. Quando foi convidado para fazer o personagem Lucas, na minissérie *Riacho Doce*, da TV Globo, no início do ano passado, Pedro pôde interromper algumas disciplinas, cursá-las no semestre seguinte e ir trabalhar. Em março começará o segundo período. Ele entrou no sistema de créditos após ser reprovado em todas as disciplinas da 1ª série do segundo grau no Colégio Bahiense. "Estava fazendo uma peça teatral e não tinha tempo para nada", explica.